



NELSON ALMEIDA / AFP



Alckmin com Lula: vice-presidente disse que Meta teve “uma atitude discriminatória” contra a campanha

que não deveria ser vitalício. Se pegarmos a Europa como exemplo, os mandatos são de 10 ou 12 anos. Também precisamos de um código de ética que norteie as instituições.

O senhor acredita que a democracia brasileira também está sob ameaça em 2026?

A democracia brasileira não é secular. Temos praticamente 40 anos de democracia, e ela apresenta fragilidades. Por isso, é importante fortalecê-la. Veja que, lá atrás, tínhamos o período militar, com dois partidos. A Arena era o partido que defendia o regime, e o MDB, o Movimento Democrático Brasileiro, do qual fazíamos parte, defendia eleições diretas e a redemocratização do país. Estávamos todos juntos: Ulysses Guimarães, Fernando Henrique, José Serra, Lula, todo mundo junto para redemocratizar o Brasil. Depois que o país se redemocratizou, acabaram os dois partidos, acabou o bipartidarismo. O presidente Lula foi fundar o PT, e nós fomos fundar o PSDB, que também teve um papel importante na vida pública brasileira. Houve momentos em que disputamos eleições uns contra os outros. Aqui em São Paulo, a gente sempre ganhava do PT. Em nível nacional, vencemos com Fernando Henrique e, depois, perdemos para o PT. Disputamos eleições e estivemos juntos em muitas outras. O que nos uniu em 2022? Foi o risco à democracia. Pensamos: “Vamos unir todos os democratas em uma frente mais ampla para defender a democracia”. É preciso fortalecer a democracia, fortalecer a Constituição e avançar nas reformas. Temos que ir para a frente, não para trás. Acho que é isso que se deseja. Queria dar um exemplo de como, às vezes, existe uma dicotomia desnecessária. Nós podemos unir o Brasil. Por exemplo, às vezes dizem que, se protegemos o meio ambiente, a produção não avança. Estamos registrando uma queda recorde do desmatamento, com os menores índices, e, ao mesmo tempo, temos uma produção agrícola recorde. Aí dizem: “Se prestigiarmos o mercado interno, não exportaremos tanto”. Não é verdade. O Brasil, neste ano, vai superar os Estados Unidos e se tornar o maior exportador de

É preciso fazer ajuste fiscal, mas sem levar o país à recessão, como estamos vendo na Argentina, com empresas fechando, trabalhadores desempregados, perda de renda e a população passando privações”

alimentos do mundo. Então, é possível unir, convergir e criar uma sinergia para avançar mais.

Sobre a proposta de Flávio de mudar a Constituição, como o senhor enxerga isso?

Olha, vejo isso com preocupação, porque você ainda nem teve a eleição, e já quer mudar a Constituição para dilatar, para aumentar o próprio mandato. Ora, as democracias modernas do mundo todo abreviam até o tempo de consulta ao povo. Se você está continuamente no poder, não há alternância. Então, a tendência das democracias modernas é até realizar consultas mais curtas. Mas, sem sequer ter disputado o segundo turno, já se quer mudar a Constituição para ficar mais tempo no próprio mandato, sem consultar o povo. É preocupante. Esse não é o caminho que eu vejo.

Quais seriam as primeiras reformas que um eventual governo Lula reeleito pretende apresentar ao país? A chapa já tem propostas definidas?

Eu diria que, primeiro, é preciso implantar a reforma tributária, que começa em 1º de janeiro. A ideia é concluir a implantação até o fim do ano. Três tributos federais — Cofins,

PIS e IPI — dão lugar à CBS, unificando-os em um único tributo federal já no próximo ano. Os outros, o ICMS e o ISS, serão incorporados até 2032. Claro que é um processo longo, mas é melhor fazer por etapas do que não fazer. Aprendi que, quando você tem algo difícil, é melhor executá-lo em etapas. Se essa reforma tivesse sido feita há 30 anos, já estaria implementada. Eu destacaria também a reforma do Judiciário. Já demos alguns passos importantes. O presidente Lula sancionou a lei da relevância federal. No ano passado, entraram 40 milhões de novos processos no Judiciário brasileiro. É preciso dar mais celeridade à Justiça. A lei limita o que pode chegar ao Supremo Tribunal Federal (STF) e ao Superior Tribunal de Justiça (STJ). Destacaria ainda a reforma política. Temos um excesso de partidos e, eu diria, de cartórios também. De Gaulle dizia que a França era muito difícil de governar porque tinha muitos tipos de queijo e muitos partidos políticos. Isso dificulta a governabilidade. Precisamos de menos partidos, mais programáticos, e discutir a questão do voto distrital misto. Por fim, a reforma administrativa. Precisamos de eficiência e produtividade também no setor público, não apenas no setor privado.

Como avalia a posição do Brasil na política externa?

O Brasil tem agido, na minha avaliação, de maneira correta, defendendo o multilateralismo e o livre-comércio. Fizemos o acordo Mercosul-Singapura, estamos vendendo máquinas e equipamentos e exportando. Também avançamos no acordo Mercosul-EFTA, que envolve quatro países de alta renda per capita: Noruega, Suíça, Liechtenstein e Islândia. Além disso, temos o acordo Mercosul-União Europeia, o maior acordo entre blocos do mundo, envolvendo 27 países europeus. Estamos exportando mais, e as vendas para a Europa cresceram mais de 30% em cinco meses. Também estamos negociando acordos com Japão, Coreia do Sul e Arábia Saudita, além de ampliar as linhas tarifárias preferenciais com Canadá, Índia e México. Em relação aos Estados Unidos, o tarifaço é injusto, porque os americanos têm déficit

Reprodução/Instagram



Chapa Lula-Alckmin recebeu apoio, na semana passada, dos filhos de José Gregori, FHC e Mario Covas

na balança comercial com praticamente o mundo inteiro. Entre os países do G20, só têm superávit comercial com três: Brasil, Reino Unido e Austrália. Apenas esses três. Portanto, o Brasil não é o problema. Quando um produto americano entra no Brasil, 70% deles têm tarifa zero, por meio do chamado ex-tarifário, e a tarifa média é de 3%.

Qual é o caminho para resolver o impasse?

Negociação. E acredito que, após a eleição, vamos acelerar essa negociação e chegar a um bom termo. A orientação do presidente Lula é negociar, mostrar que a medida contra o Brasil é injusta e proteger as empresas brasileiras. Criamos o Brasil

Soberano, com recursos, crédito a juros mais baixos para as empresas e abertura de mercados para que possam exportar. E está dando certo. Mesmo com o tarifaço americano, no ano passado, batemos recorde de exportações, com US\$ 349 bilhões. Neste ano, vamos bater outro recorde. Já abrimos mais de 700 novos mercados, por exemplo, no setor do agronegócio.

O senhor acha que é possível termos um país pacificado a partir de segunda-feira, independentemente de quem for o vencedor?

Essa é a nossa disposição. Ganhando a eleição, vamos trabalhar com rapidez, consolidando reformas

e fazendo outras para o Brasil crescer mais e melhorar a produtividade. É claro que a disputa é natural. No mundo inteiro, há eleições e disputas. Acabada a eleição, quem ganhou trata de governar bem; quem perdeu, de fiscalizar bem. Essa é a lógica da democracia. O que não pode acontecer é o que ocorreu há quatro anos, com um plano chamado Punhal Verde e Amarelo para assassinar o presidente eleito, o vice-presidente eleito e um ministro da Suprema Corte. Não, isso não é democracia. Se eu não ganho o jogo, vou pegar a bola e levá-la embora? Não. É preciso ter espírito democrático e respeitar o povo. E, se perder, aceitar o resultado com humildade e pedir o apoio da população.

Ricardo Stuckert



O vice-presidente em campanha em São Paulo: “Percebemos nitidamente um crescimento nas ruas e nas redes”

Doação de Leite Materno. Toda gota conta.



Para muitos bebês o leite materno é uma medida de vida. Maria Alice, por exemplo, precisa de apenas 20ml por dia para sobreviver. **Se você está amamentando, doe seu leite. Ligue 160, opção 4** para se cadastrar, tirar dúvidas e agendar a coleta.



Acesse
amamentabrasilia.saude.df.gov.br

GOVERNO DO
DISTRITO FEDERAL